

“I AM PROUD TO HATE THIS VIDEO”: O DISCURSO DE ÓDIO NOS COMENTÁRIOS DO VÍDEO #ProudToBe

Guilherme Barbacovi Libardi¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar o teor dos comentários que emergiram do vídeo *Proud to be*, publicado pelo YouTube em sua própria plataforma a fim de dar visibilidade ao *Dia Internacional do Orgulho LGBTQ+*. Para isto, coletamos os 20 principais comentários da página em que o conteúdo foi postado e os analisamos à luz do *computer-mediated discourse analysis* (CDMA) com o apoio do *software NVivo*, tensionando os dados empíricos a partir das discussões sobre discurso de ódio e diversidade. Como resultado, identificamos que a totalidade dos comentários dizem respeito a discursos de ódio que rejeitam o vídeo e a plataforma, que reclamam sobre uma suposta censura do YouTube ao desconsiderar alguns *dislikes* e comentários, e outros que, através da ironia, atacam violentamente o público LGBTQ+.

PALAVRAS-CHAVES

Discurso de ódio. Diversidade. LGBTQ. YouTube. CDMA.

1 INTRODUÇÃO

[...] cabe assinalar que aceitar o fato da diversidade sexual não necessariamente leva a uma norma da diversidade. Os esforços feitos pelos moralistas sociais para impulsionar ou impor um regresso aos “valores tradicionais” sugerem que, pelo menos, algumas pessoas não se deram por vencidas na esperança de reviver uma norma moral universal (WEEKS, p.77-78, 2005, tradução nossa).

Em 27 de junho de 2017 o site de rede social (SRS) YouTube lançou um vídeo em seu próprio canal homenageando o mundialmente conhecido *Dia Internacional do Orgulho LGBTQ+*. O vídeo intitula-se *#ProudToBe: Celebrate Brave Voices this Pride* e tem a duração de 02min03s (YOUTUBE SPOTLIGHT, 2017). Ele exhibe intercaladamente alguns *YouTubers*, outras celebridades e indivíduos anônimos encorajando todos a se expressarem, lutarem contra o preconceito e amarem livremente. O tom do vídeo é político: critica a cisgeneridade compulsória, dá enfoque à importância da resistência ao ódio e à necessidade de todos da comunidade se exporem, ocupando espaços que lhe são negados.

¹ Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS), Doutorando em Comunicação (UFRGS). E-mail: gblibardi@gmail.com.

Figura 1: Frames do vídeo #ProudToBe



Fonte: YouTube

No dia 04 de julho de 2017 o vídeo completou uma semana no ar, contabilizando o total de 5.665.401 visualizações. Contudo, ao acessar a página, o espectador depara-se com números que chama a atenção: 443.790 avaliações. Destas, 246.456 são negativas. Ou seja, 55% dos espectadores-avaliadores rejeitam o vídeo em questão. Em seguida, nos deparamos com o total de 67.997 comentários. Como hipótese, podemos elucubrar que, talvez, a comunidade LGBTQ tenha se organizado a fim de responder às avaliações negativas. Ou o contrário? Os comentários tornaram-se mais um espaço para a circulação de manifestações de intolerância em relação ao vídeo? Esse cenário, somado à inquietude do pesquisador e seu engajamento à temática *queer*, nos leva ao seguinte questionamento: Qual o teor das conversações que se dão a partir dos principais comentários presentes na página do vídeo em apoio à causa LGBTQ do YouTube?

Para responder a esta pergunta, delineei uma estratégia teórico-metodológica que buscasse coletar os 20 principais comentários da página, identificar o seu teor e interpretá-los à luz do aporte teórico dos Estudos Culturais e do campo dos Estudos de Gênero e Sexualidade, discorrendo sobre os temas da intolerância à diversidade e do discurso de ódio, tecendo suas relações com o preconceito histórico contra grupos marginais. É a partir deste último tema que delineamos o contexto no qual esses discursos se desenvolvem. A seguir, apresentamos os pressupostos metodológicos do CDMA e uma breve contextualização acerca dos tópicos teóricos citados.

2 A SEXUALIDADE COMO ARENA POLÍTICA: NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A INTOLERÂNCIA

Para compreendermos a questão da intolerância para além do discurso reducionista da “não aceitação” do diferente como algo normal e sem saída, que “faz parte da cultura”, é importante retomar os percursos históricos que forjaram o que entendemos hegemonicamente, hoje, como o que é uma boa sexualidade. Para isso, recorro à antropóloga militante feminista Gayle Rubin (2003) e compartilho da noção do sexo como uma arena política fruto da atividade humana, sendo permanentemente regulada por instâncias jurídicas, médicas, coercitivas e midiáticas.

De acordo com Rubin, a contextualização histórica da repressão sexual tem como ponto de partida o final do século XIX, momento em que o domínio da vida erótica passa a ser renegociado em termos profundamente moralistas. Ocorrem campanhas e políticas que tinham como objetivo eliminar os “vícios” sexuais. Para tanto, encorajam a castidade, criminalizam a prostituição, atacam as manifestações artísticas que contivessem nudez, censuram informativos sobre contracepção e aborto e desencorajam a masturbação. Esta, por sua vez, teria um interesse ainda maior porque se dava no âmbito privado do cotidiano da criança e do adolescente. Para os médicos da época, essa manifestação de interesse prematuro no sexo prejudicaria a saúde dos jovens. “Para proteger os jovens de uma excitação prematura os pais amarravam as crianças à noite para que não se tocassem; médicos extirpavam o clitóris das pequenas meninas onanistas” (RUBIN, 2003, p. 2). O discurso do cuidado com as crianças da pátria foi a espinha dorsal das campanhas que buscavam regular o sexo em um quadro considerado “saudável”.

Por mais de um século nenhuma tática para tratar da histeria erótica tem sido tão confiável quanto a proteção das crianças. A onda contemporânea de terror erótico se aprofundou ao máximo nas áreas nas quais se faz fronteira, mesmo que apenas simbolicamente, com a sexualidade dos jovens (RUBIN, 2003, p. 6).

No decorrer da primeira metade do século XX nos Estados Unidos, uma nova figura ameaçadora ao *status quo* da sexualidade emerge: o homossexual. Esta nova “ansiedade” passa a ser o foco das políticas de preservação de uma sexualidade heterossexual, ou seja, “natural”. O homossexual, então, passa a ser enquadrado como um “ofensor sexual”,

categoria que outrora servia para nomear outros grupos, como estupradores e molestadores infantis. A partir do pânico moral criado ao redor da ameaça homossexual, ocorre e patologização destes indivíduos. Outro elemento em jogo é a ameaça ao *american dream*, imaginário desenvolvido no pós-guerra. É um momento em que as profissões psicológicas conquistaram um certo poder policial. Assim, a jurisdição incorporou conceitos de psicopatia sexual, que tratava homossexuais e outros como desviantes sexuais.

Homossexuais foram, juntamente com comunistas, o objeto da caça federal às bruxas e expurgos. Investigações no Congresso, ordens executivas e exposições sensacionalistas na mídia se destinavam a eliminar completamente os homossexuais dos cargos públicos. (RUBIN, 2003, p. 4)

Dois registros históricos dos Estados Unidos exemplificam esta repressão. Uma delas se dá em 1969, quando o Conselho de Educação à Informação Sexual, entidade que produzia materiais pedagógicos de uma educação sexual sem tabus é atacada pela extrema direita. O argumento era apoiado na ideia de que haveria uma “conspiração comunista para destruir a família e enfraquecer a vontade nacional” (RUBIN, 2003, p. 8). Já em 1977, quando um condado na Flórida promoveu um decreto de direitos gays, houve uma intensa mobilização estatal e policial para barra-lo.

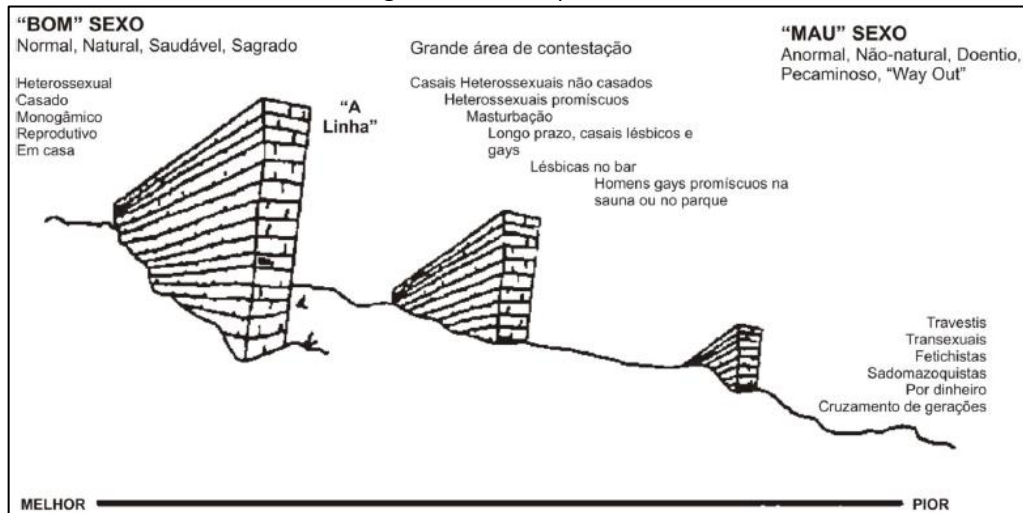
Na primavera de 1977, poucas semanas antes do voto no condado de Dade, os jornais televisivos de repente estavam cheios de notícias sobre invasões nos pontos de pegação gay, prisão por prostituição e investigações sobre a produção e distribuição de materiais pornográficos. Desde então a atividade policial contra a comunidade gay aumentou exponencialmente (RUBIN, 2003, p. 5).

Desde então, a repressão policial contra prostituição e outras obscenidades também foram intensificadas. Em 1980 a polícia mobiliza varreduras na Rua Polk em São Francisco, uma das regiões da vida noturna gay, detendo cerca de 400 pessoas. Foi nessa época que a extrema direita ganhou força ao se dar conta de que o tema da manutenção da sexualidade “boa” é pauta de interesse público.

A oposição de direita à educação sexual, homossexualidade, pornografia, aborto e sexo antes do casamento se deslocou das franjas extremas ao palco político central depois de 1977, quando estrategistas de direita e fundamentalistas religiosos descobriram que estes assuntos tem apelo de massa [...]. Organizações como a Maioria Moral e Cidadãos pela Decência obtiveram seguimento em massa, imensos recursos financeiros e influência sem precedentes (RUBIN, 2003, p. 8).

Essa sequência de lutas e políticas a favor da manutenção de uma boa sexualidade dá forma ao que é aceitável e tolerável nos modos de se experienciar o afeto. A autora organiza o que é tolerável e intolerável no campo da arena sexual a partir da seguinte figura:

Figura 2: a hierarquia sexual



Fonte: Rubin (2003)

De acordo com a representação acima, as relações homoafetivas encontram-se em uma arena de contestação, no meio do caminho entre um “bom” e um “mau” sexo. Sujeitos travestis ou transexuais encontram-se no limite da “má” sexualidade. Em diálogo com o que é sugerido por Gayle Rubin, a filósofa Judith Butler (1993) manifesta sua perspectiva demonstrando de que forma a matriz cultural heterossexual responde às elaborações de gênero e sexualidade que escapam de suas diretrizes hegemônicas, ou seja, do “bom” sexo:

A mulher feminina lésbica que recusa os homens, o gay masculino que desafia as presunções de heterossexualidade, e a uma variedade de outras figuras cujas características de noções convencionadas como femininas e masculinas são confundidas pela sua manifesta complexidade. De qualquer forma, a presunção heterossexual do domínio simbólico é que identificações aparentemente invertidas irão efetivamente e exclusivamente sinalizar abjeção ao invés de prazer [...] A presunção é que a lei constituirá sujeitos sexuais ao longo da divisão heterossexual ao passo em que suas ameaças de punição efetivamente instigam medo, onde o objeto do medo é materializado pela abjeção homossexual (BUTLER, 1993, p. 110, tradução nossa).

O pensamento de Butler introduz as noções do simbólico – a construção dominante – e da abjeção – a rejeição total, o não reconhecimento. A autora preocupa-se em descrever as práticas sexuais e de performance de gênero demonstrando as ambiguidades e contradições que podem residir em um mesmo corpo, como o caso do “gay masculino”. Estas representações, reconhecidas como performances de gênero, confundem e desestabilizam o que é esperado daquilo que é lido como “gay”. Portanto, torna-se abjeto. Reconhecendo este funcionamento, a autora demonstra de que forma a matriz homossexual torna-se veículo para a solidificação de posições de sujeito heterossexuais compreendidas dentro de uma norma. É apoiado no discurso e nas representações homossexuais que a heterossexualidade também constrói a sua gramática. Veremos, ao longo dos comentários analisados, manifestações que tangenciam tanto o pensamento de Gayle Rubin que data de cerca de 30 anos, quanto as elaborações propostas por Butler, mais contemporâneas.

3 ESTRATÉGIA TEÓRICO-METODOLÓGICA: CMDA

O *computer-mediated discourse* (CMD) é considerado uma especificidade das comunicações que se dão intermediadas pelo computador. Elas surgem principalmente no formato de texto, podendo circular em diversos espaços: *blogs*, *e-mails*, grupos de discussão, *chats*, entre outros (HERRING, 2001). Independente do sistema no qual a comunicação se dá, a linguagem utilizada é sempre “visual” – seja escrita ou através de pequenos pictogramas representando expressões, como os *emojis*. As comunicações mediadas pelo computador caracterizam-se por se darem através de trocas rápidos entre emissor(es) e receptor(es), permitindo também que múltiplos agentes comuniquem-se entre si simultaneamente. Nestas comunicações, a estrutura linguística pode ser organizada para que se mantenha o máximo de fidelidade à mensagem que seria dita oralmente pelo emissor. Um exemplo são as diversas formas de rir na língua portuguesa: “hahaha”, “HAHAHAHAHAHA”, “kkkkkk”; “HASHUASHUA”, etc., bem como é possível inserir rostos “:-); :-()”, entre outros (HERRING, 2001).

Estratégias como estas, ao invés de refletir uma comunicação empobrecida ou simplificada, demonstra a habilidade dos usuários de adaptarem o *médium* do computador às suas necessidades de expressão. Significativamente, isso resulta em uma variedade linguística que, apesar de ser produzida por meios escritos,

frequentemente contém características da oralidade (HERRING, 2001, p.5, traduzido pelo autor).

Desse modo, o CMD constitui-se como uma prática social efetiva. Ele pressupõe que usuários escolham suas palavras com mais cuidado, bem como permite uma ampla gama de interações sociais como contar uma piada e flertar algo menos intimidador. Assim, através da facilidade comunicativa e expressiva, “[...] ‘comunidades’ de usuários se juntam, sem compartilhar nem um espaço geográfico [...], nem tempo, e criam estruturas sociais exclusivamente a partir de palavras” (HERRING, 2001, p.12, traduzido pelo autor).

Tendo em vista que analisamos esta forma discursiva nos comentários do *YouTube*, nos apropriamos do método de análise do *computer-mediated discourse*, o CMDA. Este método consiste na análise de qualquer comportamento *online* que é efetivado a partir de observações textuais.

CDMA pode ser utilizada para estudar fenômenos linguísticos de micro-level tais como processos de formação de palavras *online* (Cherny, 1999), escolha lexical (Ko, 1996; Yates, 1996), estrutura frasal (Herring, 1998), e troca de língua entre falantes bilíngues (Georgakopoulou, in press; Paolillo, 1996). Ao mesmo tempo, uma abordagem focada na linguagem pode ser usada para endereçar fenômenos de macro-level tais como coerência (Herring, 1999^a; Panyametheekul, 2001), comunidade (Cherny, 1999), equidade de gênero (Heerring, 1993. 1996^a, 1999b) e identidade (Burkhalter, 1999), conforme expressado pelo discurso (HERRING, 2004, p.2, traduzido pelo autor).

De forma geral, o CDMA pode ser útil para identificar e analisar padrões nas mensagens observadas e coletadas *online*. Herring (2004) identifica quatro domínios para a exploração de comunicações mediadas pelo computador. O domínio da estrutura interessa para analisar tudo o que constitui a mensagem: tipografia, ortografia, imagens, descrições, etc. A estrutura narra como a mensagem está montada. Possui um caráter mais descritivo. O domínio do sentido relaciona-se à intenção comunicativa do autor da mensagem. Possui um viés mais interpretativo, explorando-se os discursos explícitos e implícitos do que foi visto na estrutura. A interação diz respeito às conversações geradas a partir de determinada mensagem, sejam elas curtidas, compartilhamentos ou outros comentários. Serve para pensar como a audiência se comporta em relação à proposta inicial da estrutura, identificando manifestações de conflito, cooperação, distorção do sentido, etc. Por fim, o domínio do comportamento social trata da análise dos efeitos que se percebe a partir das

interações (brigas e discussões, por exemplo). Possui um sentido mais macro do que a interação porque busca perceber hierarquia e jogos de poder entre os interlocutores (HERRING, 2004).

A fim de interpretar os discursos emitidos nos comentários do vídeo em questão, nos aproximamos do referencial teórico sobre discurso de ódio e de diversidade.

4 DIVERSIDADE E DISCURSO DE ÓDIO

A discussão contemporânea e relativamente recente do discurso de ódio nos *computer-based discourses* desenvolvida até aqui encontra reflexo nos pensamentos de autores vinculados aos Estudos Culturais sobre diversidade e tolerância.

Para Woodward (2000, p.19), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Conforme foi visto, o espaço dos SRS proporcionou um canal de comunicação que, até então, era negado aos públicos invisibilizados. A partir destas novas plataformas, outros sujeitos passaram a encontrar espaço de representatividade. No entanto, ao mesmo tempo, a intolerância caminhou junto à veiculação destas “novas” identidades. Para a autora, este problema está intimamente relacionado à binarização do que é certo e errado; do que é aceitável e do que é repugnante. Todas as práticas de representação da diferença movimentam, em diferentes graus, relações de poder. Quando o grupo hegemônico se vê impactado por discursos “errados”, constrói-se um estranhamento que, ao confundir-se com ódio, acaba desembocando em violentas práticas discursivas no ambiente *online*. Nesse sentido, pensando principalmente as postagens e comentários dos SRS, podemos concordar com Silva (2000, p.76) ao afirmar que “identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Estes atos assumem diferentes formas na *internet*. Aqui, os tratamos pela perspectiva dos discursos de ódio.

Wolton (2006), sugere que a facilidade comunicativa que as tecnologias da informação proporcionaram legitimou certa capacidade de inteligência e de ação, configurando para muitos o sinal de uma emancipação e de uma igualdade social. Para Jenkins (2009), este momento possibilita que as pessoas comuns possam contribuir com a sua própria cultura. Consequentemente, esta nova cultura emergente altera a natureza de o

que é privado e o que é público (VAN DIJCK, 2013). De acordo com a autora, umas das principais transformações é o fato de que os discursos casuais se transformaram em escritas formais que, quando publicadas, podem assumir diferentes valores.

O que a pesquisadora holandesa Van Dijck sinaliza acaba nos levando a um problema que, atualmente, vem percorrendo diversas manifestações discursivas no ambiente dos SRS: discursos de ódio, *cyberbullying* e demais formas de atacar um sujeito ou um grupo de maneira a inferiorizar seu comportamento, fala ou representação. De acordo com o relatório da UNESCO (GAGLIARDONE et al., 2015) intitulado *Counterin Online Hate Speech*, estes discursos presentes no ambiente *online* são fruto de múltiplas tensões, expressando o conflito entre diferentes grupos. Segundo Nancy Wilard (2005), o discurso de ódio pode ser definido como o ato de enviar ou postar textos ou imagens cruéis ou prejudiciais usando a *internet* ou outro dispositivo eletrônico. Parks (2013) acrescenta ao defini-lo como comentários hostis postados em SRS como *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, entre outros. Devido à reprodução sistemática de discursos hostis no ambiente *online*, eles acabam sendo socialmente aceitos primeiramente para discriminar e, em um segundo momento, para oprimir determinados grupos. Com base nas experiências do autor, ele sugere que discursos de ódio podem ser ainda mais ofensivos na plataforma do *YouTube*, comentando que é por lá que se encontram as pessoas mais desagradáveis. Roger O'Donnell, teclista e compositor inglês, ilustrou em uma entrevista à pesquisadora Nancy Baym (2013) sobre como o público da plataforma do *YouTube* pode ser cruel:

Eles podem ser maliciosos. Podem ser realmente ofensivos, especialmente no *YouTube*. As pessoas que comentam lá, se você juntasse eles e desse armas e se colocassem uniformes, eles dominariam o mundo, porque são as pessoas mais desagradáveis que já encontrei. [...] É só veneno, raiva e nojo, sem limites. E você sabe que se encontrar com eles em um bar nem vaiariam você (O'DONELL apud BAYM, 2013)

A partir desta discussão teórica, damos seguimento apresentando a descrição e análises dos dados conforme os pressupostos do CDMA.

5 DESCRIÇÃO DO CORPUS

Conforme explicitado anteriormente, a coleta do material empírico teve como recorte os 20 “principais comentários” presentes na página do vídeo. O fato de os comentários

terem respostas, avaliações positivas e/ou negativas não interferiu na sua coleta ou análise. Como não estamos nos propondo a realizar uma etnografia virtual, o que demandaria interação entre os usuários, é razoável que não nos aprofundemos nas conversações geradas a partir dos comentários. Para analisá-los, nos apropriamos do método do CDMA, com um enfoque maior no qualitativo, o que não exclui algumas possíveis quantificações. No quadro abaixo é possível verificar os comentários encontrados²:

Quadro 1: Comentários coletados

AUTOR	COMENTÁRIO	DATA
randompizzaparty	why is this a video? we get it you're gay ok no one cares time to move on with life and stop acting like there is a war when there isn't. I'm certain most people are ok with this now; and it doesn't need to be addressed for like the 4th thousandth time. <i>Por que isso é um vídeo? Nós entendemos que você é gay ok ninguém se importa hora de seguir adiante e parar de agir como se tivesse uma guerra quando não há. Tenho certeza de que a maioria das pessoas estão ok com isso agora; e isso não precisa ser endereçado pela quarta milésima vez.</i>	28/06/17
lil brick Big 30	I am proud to hate this video <i>Eu tenho orgulho de odiar esse vídeo.</i>	29/06/17
Robert Smithson	YouTube removed my dislike, and I disliked it again! <i>YouTube removeu minha descurtida, e eu descurti de novo!</i>	29/06/17
River Parsons	this would have 1M dislikes if YouTube wasn't deleting them <i>Teria 1 milhão de descurtidas se o YouTube não as estivesse deletando.</i>	29/06/17
sloth productions	I don't care if your gay no one cares your not special <i>Eu não me importo se você é gay ninguém se importa você não é especial.</i>	29/06/17
Pete Hassett	Proud to be straight. <i>Orgulho em ser hetero</i>	28/06/17
Lance The Great	STOP DELETING THE DISLIKES. <i>PAREM DE DELETAR AS DESCURTIDAS.</i>	26/06/17
Legend O' Logan	You don't know how happy it makes me to see that so many people refuse to accept the Propaganda. There's still hope. <i>Vocês não sabem o quão feliz me faz ver tanta gente se recusar a aceitar essa Propaganda. Ainda há esperança.</i>	29/06/17
blackguy	we dont dislike because LGBTQ+ is bad. a lot of dislikers think its good. we dislike it because you try to shove it up everyone's asses <i>nós não descurtimos porque LGBTQ+ é ruim. várias pessoas que descurtem acham que isso é bom. nós descurtimos porque vocês tentam esfregar isso na cara de todo mundo</i>	29/06/17
Marcus Domkee	They can't delete our dislikes faster than we can dislike :^) <i>Eles não podem deletar nossas descurtidas mais rápido do que nós podemos descurtir :^)</i>	29/06/17
Smitty Werbenjagermanjensen	20 years from now: Proud to be a pedophile! <i>Daqui 20 anos: Orgulho em ser pedófilo!</i>	28/06/17
SESIN	#ProudToHitThatDislikeButton	29/06/17

² Em ordem de aparição.

	#OrgulhoDeApertarOBotãoDeDescurtida	
Łukasz Buler	Proud to be heterosexual :) <i>Orgulho em ser heterossexual :)</i>	29/06/17
beautiful in white	#proudtobewhite <i>#orgulhodeserbranco</i>	29/06/17
Galen Thurber	we are not swallowing your propaganda <i>nós não vamos engolir sua propaganda</i>	29/06/17
Benn Johnso	I'm proud to be straight, can I have a parade and rub it in your face?!?!? <i>Eu tenho orgulho em ser hetero, posso ter uma parada e esfregar isso na cara de vocês?!?!?</i>	29/06/17
Wade Dewell	THEY ARE DELETING DISLIKES <i>ELES ESTÃO DELETANDO AS DESCURTIDAS</i>	29/06/17
Oscar	I'm gay and I really despise this video. You guys are ruining all the hard gained social acceptance and rights for us by shoving your agenda down our throats. If you want to be respected again as a movement fight for the real issues like for example the treatment of gays in muslim countries and communities. I'm staying away from the "community" you dissapointed quite alot. <i>Eu sou gay e eu realmente desprezo esse vídeo. Vocês estão arruinando toda a aceitação e direitos conquistados duramente por nós enfiando sua agenda em nossa goela abaixo. Se vocês querem ser repetidos novamente como um movimento lutem pelas reais problemas como por exemplo o tratamento de gays em países e comunidades muçulmanas. Eu estou fora dessa "comunidade" vocês desapontam bastante.</i>	29/06/17
Vestify	STOP. DELETING. DISLIKES. AND. COMMENTS. WE. CAN. HAVE. AN. OPINION. <i>PARE. DE. DELETAR. DESCURTIDAS. E. COMENTÁRIOS. NÓS. PODEMOS. TER. UMA. OPINIÃO.</i>	29/06/17
DissRapRevelation	I just disliked. <i>Eu acabei de descurtir.</i>	29/06/17

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos comentários do vídeo #ProudToBe

Com o objetivo de organizar a análise, utilizamos o *software NVivo 11*. A partir dele, geramos duas representações gráficas que nos ajudam a visualizar o que mais emergiu dos comentários coletados: uma nuvem de palavras³ e uma árvore de palavras

³ Foram excluídos os artigos e as palavras relacionadas foram consideradas como uma só (gay e gays, hate e hating, por exemplo).

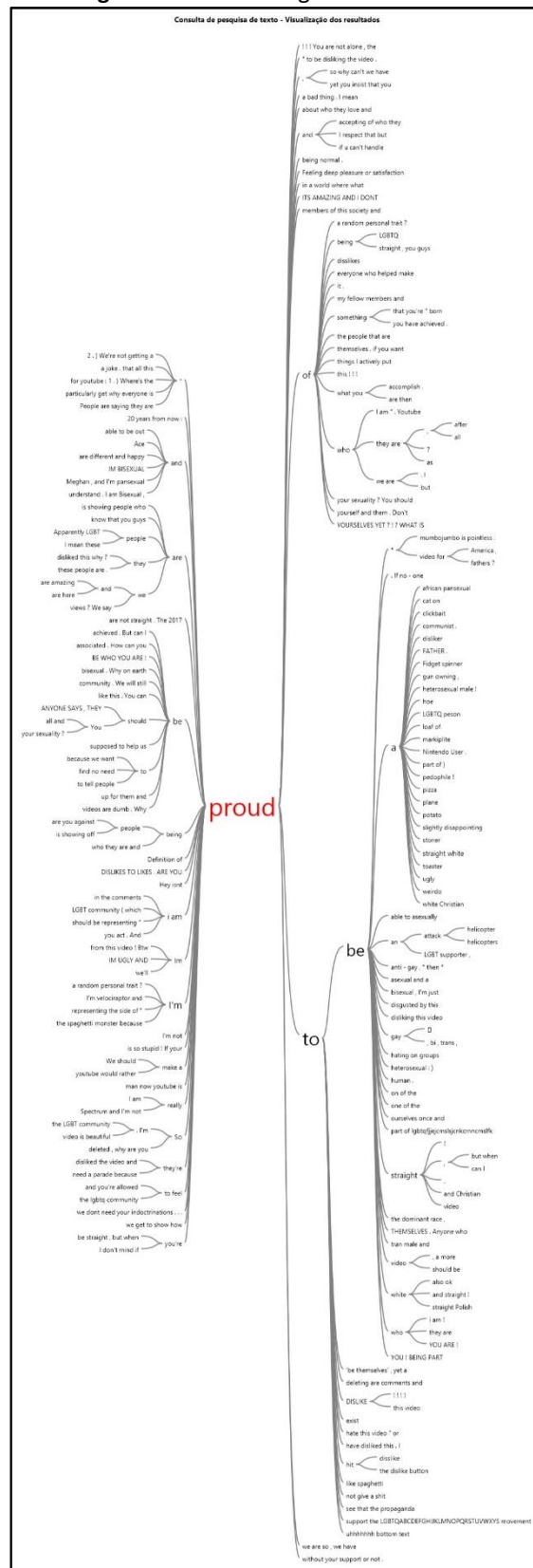
Figura 3: Nuvem de palavras



Fonte: Elaborado pelo autor no NVivo

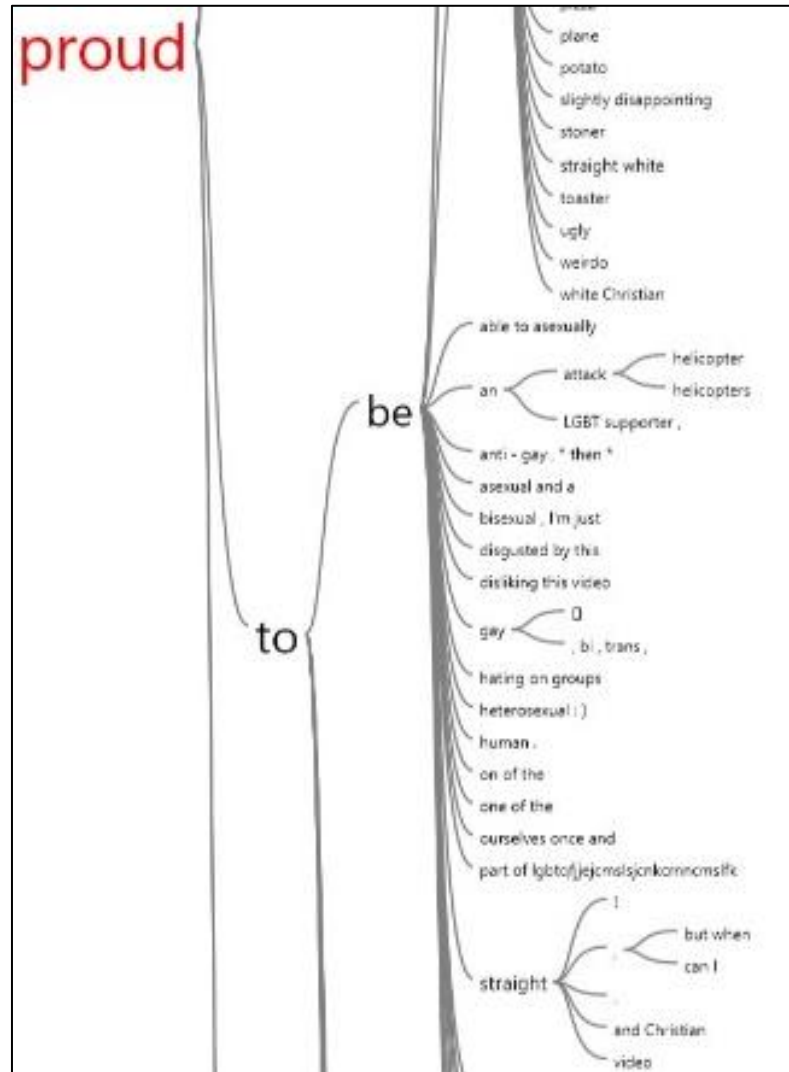
A partir da nuvem de palavras, selecionamos a palavra “*proud*” para gerar uma árvore de significados. Esta palavra foi escolhida tendo em vista a temática central do conteúdo do vídeo postado pelo *YouTube*. A sua representação em totalidade pode ser ilegível neste espaço. Por isso, recortamos a área que mais emergiu comentários controversos e que faz alusão ao conceito do vídeo “*Proud to be*”.

Figura 4: Árvore de significados inteira



Fonte: Elaborado pelo autor no NVivo.

Figura 5: Árvore de palavras – área ampliada



Fonte: Elaborado pelo autor no NVivo

Com base nos comentários exibidos no quadro e nas representações gráficas acima, encaminhamos a análise com base nas dimensões do CDMA sugeridas por Herring (2004).

5.1 ESTRUTURA

Como já fora descrito no início deste artigo, o vídeo a partir do qual os comentários emergiram trata de uma homenagem ao *Dia Internacional do Orgulho LGBTQ*. Esta produção se deu a partir do conceito “*Proud to be*”, conforme explicitado no seu título no formato de *hashtag* e nos discursos dos interlocutores no próprio vídeo. Na sequência do título, há uma explicação acerca do que se trata o material postado:

Em um mundo onde algumas pessoas ainda tentam silenciar vozes LGBTQ+, o ato de ser você mesmo é um ato de coragem que todos devem ver. E no contexto de uma perspectiva global que dá destaque à vulnerabilidade dos direitos LGBTQ+, é mais importante do que nunca que vozes LGBTQ+ e histórias sejam compartilhadas e ouvidas [...] (YOUTUBE SPOTLIGHT, 2017)

Conforme enunciado anteriormente, o vídeo exibe uma série de personalidades e de pessoas anônimas dando breves depoimentos sobre a importância de falar sobre a questão da visibilidade da comunidade LGBTQ+. A estrutura do vídeo é composta por uma trilha sonora instrumental com um ritmo alinhado ao entusiasmo de cada indivíduo no vídeo. É notório que houve a preocupação em dar visibilidade às diferenças em uma perspectiva interseccional, enaltecendo as vozes de sujeitos negros/as, transexuais, lésbicas, bissexuais, latinos/as, entre outros grupos.

5.2 SENTIDO

Os sentidos construídos a partir dos discursos presentes no vídeo sugerem, acima de tudo, que a marca *YouTube* encontra-se “engajada” às causas do público LGBTQ+. Dar visibilidade a este tema e aos sujeitos do vídeo podem ser compreendidas como uma estratégia de produção da plataforma. Na estrutura do ambiente *online*, tem sido recorrente marcas de diversos segmentos, e principalmente os SRS, “engajarem-se” ao movimento do público LGBTQ+. No entanto, como podemos acompanhar, esta atitude se dá, na maioria das vezes, a partir de práticas bastante isoladas e resumidas a filtros e *emojis* de arco-íris para todos os lados. Sendo assim, em uma perspectiva mercadológica, o *YouTube* apresenta-se em sintonia com o mundo social, posicionando-se como além de uma plataforma de postagem e consumo de vídeos, mas também como um agente participativo e apoiador do movimento LGBTQ+.

5.3 INTERAÇÃO

As interações geradas a partir do conteúdo do vídeo demonstram-se calcadas em preconceito, intolerância e ódio. Esta observação se faz presente tanto pelo viés quantitativo, a partir do expressivo número de *dislikes*; quanto pelo viés qualitativo, ao observamos o teor dos 20 primeiros principais comentários no Quadro 1. A nuvem de

palavras também demonstra termos que difamam o público LGBTQ+, como *disliking*, *hating* e *disgusting*. A partir dos comentários, identificamos três perfis de comentadores: odiadores irônicos, reclamadores sobre a plataforma e odiadores extremistas.

Os **odiadores do conteúdo** do vídeo somam oito comentadores. Eles demonstram uma certa incompreensão de por que o *YouTube* precisa divulgar um material homenageando a data e o grupo social LGBTQ+, categorizando o vídeo como “propaganda”. Apropriam-se do discurso de ódio para atacar diretamente o conteúdo postado, comemorando cada *dislike*: “*Vocês não sabem o quão feliz me faz ver tanta gente se recusar a aceitar essa Propaganda. Ainda há esperança.*” (comentador Legend O' Logan). Também percebemos movimentos que se apropriaram do conceito de vídeo “*#ProudToBe*” para fornecer outro sentido, como no caso do comentador SESIN: “*OrgulhoDeApertarOBotãoDeDescurtida*”.

Os **reclamadores sobre a plataforma** totalizam seis comentadores. Eles denunciam o *YouTube* por interferirem na interação dos seus usuários. Alegam que o site estaria removendo *dislikes* e comentários que se posicionassem contra o conteúdo postado: “*YouTube removeu minha descurtida, e eu descurti de novo!*” (comentador Robert Smithson); “*Teria 1 milhão de descurtidas se o YouTube não as estivesse deletando.*” (comentador River Parsons).

Os **odiadores extremistas** também somam seis comentadores. Estes emitem discursos de ódio extremamente desagradáveis, apoiando-se em um tipo de violência simbólica através da ironia. O teor dos seus discursos faz referência à “supremacia branca”, à “supremacia heterossexual” e, inclusive, à pedofilia: “*Orgulho em ser hetero*” (comentador Pete Hassett); “*Orgulho em ser heterossexual :)*” (comentador Łukasz Buler); “*#orgulhoemserbranco*” (comentador beautiful in white); “*Daqui 20 anos: Orgulho em ser pedófilo!*” (comentador Smitty Werbenjagermanjensen).

5.4 COMPORTAMENTO SOCIAL

A partir das categorias identificadas acima, podemos observar um comportamento orientado à intolerância e à discriminação. Como estratégia, usuários difamadores esforçam-se para dar *dislikes* e incentivam outros a fazerem o mesmo na tentativa de organizar uma comunidade de “*dislikers*”. Também houve um expressivo número de comentadores

reclamando que o *YouTube* estaria boicotando quem desse *dislike* ou comentasse algo pejorativo em relação ao vídeo, identificando esta atitude (ou este algoritmo) como um cerceamento da liberdade de expressão. Nesta categoria, também identificamos discursos que remetiam à tentativa de organização de uma força-tarefa para dar *dislikes*, mostrando que os *dislikers* podem contornar a própria plataforma. Já os odiadores extremistas teceram comentários sucintos e diretos, apropriando-se muito do conceito “*Proud to be*”. Embora tenham sido breves, estes comentadores revelam uma face bastante nefasta e presente em relação à comunidade LGBTQ+. A árvore de significados da Figura 4 demonstra alguns destes ataques.

6 DA EXCLUSÃO À COOPTAÇÃO DE DISCURSOS EM PROL DE UMA “BOA” SEXUALIDADE

A partir do que observamos nos comentários, identificamos que o discurso de ódio se apresenta como um efeito-colateral bastante concreto da suposta “liberdade” de falarmos o que quisermos nos SRS em tempos de Web 2.0. Ou seja, ao mesmo tempo em que, finalmente, conquistamos um espaço democrático no qual diferentes vozes podem se expressar, também abrimos caminho para que sujeitos escondidos por trás de uma identidade anônima (ou não) possam destilar ódio e injúrias. Outros, que também se identificam com este comportamento violento, acabam encontrando seus comuns, organizando-se para deslegitimar movimentos contra-hegemônicos. O que foi observado nos comentários do *YouTube* remete justamente à esta realidade. Nem mesmo a comunidade LGBTQ+ foi capaz ou se dispôs a organizar-se na tentativa de superar o número de *dislikes* ou de comentários negativos. Algo que “soaria” como um contra-ataque simbólico.

Em um nível interpretativo, identificamos que os discursos de ódio situam-se a partir de estruturas linguísticas que caracterizam o sujeito e exclui os demais. É a lógica do “nós” e “eles”. Ao afirmarem que têm orgulho em ser branco, todo o resto é considerado “errado”. Ao sugerirem que ser heterossexual é questão de exaltação, tudo o que fugir do espectro cisgênero hegemônico deve ser combatido. “Nós e eles não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por

relações de poder” (SILVA, 2000, p.82). Ora, em um mundo governado por identidades brancas e heterossexuais, tudo o que for desviante é excluído e marginalizado. Quando conquistam alguma posição de visibilidade – principalmente na mídia, seja ela tradicional ou *online* –, são atacadas.

Também podemos identificar que o conteúdo do vídeo deu margem à afirmação de certas identidades, principalmente a sexual e a de raça. Estes discursos, que emergiram dos comentadores extremistas, firma-se em contraposição às identidades de gênero discursadas no material. Sustenta, assim, uma faceta de seus marcadores sociais que exclui qualquer tipo de “subversão” em relação ao próprio gênero ou sexualidade. A fixação da identidade heterossexual por alguns comentadores remete ao caráter essencialista de compreender a própria identidade, como se “ser hetero” fosse um prolongamento do “ser homem” ou “ser mulher”. Ora, a identidade sexual e de gênero são duas construções separadas. Nesse sentido, podemos considerar que o assentamento de uma identidade heterossexual remete a uma marcação simbólica (WOODWARD, 2014) que comunidade uma boa sexualidade (RUBIN, 2003), funcionando como o marcador estrutural que irá diferenciar estes sujeitos dos demais no contexto das representações apresentadas pelo vídeo.

Além da identidade sexual, conforme a árvore de palavras (Figura 4), o termo “*proud to be*” foi apropriado a fim de remeter a outras categorias: “orgulho de ser/estar” humano; enojado com isso; dando *dislikes*, um cristão branco. Tal fenômeno encontra-se intimamente próximo daquilo que é discutido por Butler (1993) acerca da reafirmação das identidades heterossexuais. Neste estudo, podemos observar que o firmamento destas identidades se dá a partir da cooptação de um discurso criado pelo próprio *YouTube* que visava promover o orgulho LGBTQ+. Esta estratégia, por parte dos comentadores, demonstra a habilidade em zombar de uma expressão, ressignificando-a a fim de endereçar seu funcionamento em prol do grupo opressor, valorizando uma masculinidade heterossexual universal. Estes tipos de conflitos, apropriações e ressignificações, no entanto, estão historicamente no centro das disputas de poder e das contestações de identidades. Hoje, observamos estas disputas serem inscritas em diversos espaços da *web*, como nos comentários em um vídeo do *YouTube*.

Situado em um contexto de múltiplas conversações em nível global, a questão da tolerância à diferença entra em cena. Autores como Martín-Barbero (2014) são positivos no

que diz respeito às consequências da globalização e da disseminação das tecnologias. Para o autor, a abertura da sociedade para uma “cultura virtual” abre portas para o novo, representando “um conjunto extraordinário de possibilidades, mudanças possíveis agora e que se apoiam em fatos radicalmente novos” (2014, p.18). No entanto, este novo pode ser incompreendido. É o que verificamos na análise dos comentários.

A intolerância à diversidade passa a se apresentar como um fenômeno que entra em contradição aos pressupostos do fenômeno contemporâneo da globalização e do suposto “desaparecimento” das fronteiras pelo advento do acesso à *internet*. Toda esta celebrada conectividade entre sujeitos e a rápida e abundante profusão de imagens de diferentes lugares, identidades e culturas não parecem estar funcionando a favor da compreensão do outro. Temos as ferramentas em mãos, mas não estamos sendo capazes de combater os discursos de ódio que habitam intimamente em cada um, e que encontra espaço para ser expressado no ambiente dos SRS como o *YouTube*, em pequenas e inocentes caixas de comentários.

Como vimos a partir de Rubin (2003), a história da repressão sexual se deu, desde o século XIX, a partir de um discurso de proteção à família e à pátria. A partir dos comentários, conseguimos identificar fragmentos dessas moralidades a partir da colocação de um orgulho étnico e orgulho heterossexual em discurso. São discursos pautados de outras formas, em novas linguagens e a partir de atores sociais anônimos, na maioria das vezes. Contudo, o que se observa é muito próximo daquilo do que forjou historicamente o ódio à diversidade. O combate à negritude e à miscigenação (#orgulhodeserbranco, comentador beautiful in white) e à uma suposta corrupção das crianças da pátria (Daqui 20 anos: Orgulho em ser pedófilo!, comentador Smitty) sinalizam fortemente estas pautas. São discursos que engendram e mobilizam motivos que, para alguns, justificam atos de violência contra pessoas LGBTQ+.

Portanto, é urgente que nos encaminhemos em direção a uma política de tolerância em relação ao outro e de contestação dos discursos de ódio. Esta política pode ser descrita como um intenso, porém íntimo movimento de autoconhecimento que desemboque em uma ética altruísta. A tolerância em relação à diversidade só pode ser forjada quando somos capazes de domesticar nossa barbárie interior, conter o egoísmo e alimentar o altruísmo. E em um nível mais macro, devemos continuar lutando por espaços de representatividade das

diferenças. Conforme enunciado por Woodward (2000, p.18), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. O *YouTube*, ao publicar, em sua própria plataforma, um vídeo dando voz ao público LGBTQ+, pode estar colocando em prática uma estratégia puramente mercadológica como sugerimos ao analisarmos o sentido do vídeo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da publicidade, recentemente, tem apresentado discussões bastante ativas em relação à representação da diversidade em produtos midiáticos. Muitos ainda se queixam desta suposta visibilidade, condenando estas como meras estratégias para serem “bem vistas”, conforme ilustrado no *meme* abaixo, compartilhado por um amigo publicitário no *Facebook* do autor deste artigo em 17 de julho de 2017:

Figura 6: Postagem no *Facebook*



Fonte: *Facebook* do autor

Acreditamos que a resistência se faz a partir de pequenas atitudes. Ao dar visibilidade a um público historicamente oprimido, consideramos que o *YouTube* esteja fazendo o mínimo para cooperar na ressignificação dos sentidos hegemônicos do que e como devemos ser e atuar no mundo. Sim, ainda há muito o que ser feito. Estratégias que dessem visibilidade a este e outros grupos sociais poderiam ser colocadas em práticas durante o ano

inteiro. Mas compreendemos que organizações, sejam elas do segmento que forem, estão inseridas dentro de uma estrutura capitalista complexa, e que também devem obedecer a certos “protocolos de comportamento”.

Por fim, consideramos que a campanha *#ProudToBe* obteve sucesso ao gerar *buzz* em torno da causa LGBTQ+. Contudo, ela demonstrou o quanto ainda é necessário trabalharmos para pensar estratégias pedagógicas que favoreçam a compreensão e a tolerância – tanto no campo da política, quanto no da mídia. O teor dos comentários apresentou-se intolerante em todos os sentidos e acabou funcionando como um grande mural de humilhação e hostilidade com o público LGBTQ+. Combater estes discursos de ódio e promover a diversidade da diferença é um ato humano que diz respeito a todos nós.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter**. New York: Routledge, 1993.

DIJCK, José Van. **The Culture of Connectivity**: a critical history of social media. New York: Oxford University Press, 2013.

GAGLIARDONE, Ignio; GAL, Danil; ALVES, Thiago; MARTINEZ, Gabriela. **Countering Online Hate Speech**. Paris: Unesco, 2015.

HERRING, Susan. C. Computer-mediated discourse. In: Schiffrin, Debora; Tannen, Debora; Hamilton, Heidi E. (Eds.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers. 2000.

_____. Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior. In: Barab, Sasha; Kling, Rob; Gray, James H. (Eds.). **Designing for Virtual Communities in the Service of Learning**. New York: Cambridge University Press. 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidade em convergência**. In: *Matrizes*. v.8 n.2, 2014.

PARKS, Peggy J. **Cyber bullying**. SanDiego: ReferencePointPress, 2013.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: **Cadernos Pagu**, n. 21, pp. 1-88, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

YOUTUBE SPOTLIGHT. **#ProudToBe**: Celebrate Brave Voices this Pride. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uem7QFp0uKY>>. Acesso em 04 jul. 2017.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality**. New York: Routledge, 2005.

WILLARD, Nancy. **Educator's guide to cyberbullying and cyber threats**. 2005. Disponível em: <<http://www.accem.org/pdf/cbcteducator.pdf>>. Acessado em 14 jan. 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução técnica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

"I am proud to hate this video": The hate speech in the comments of the video #proudtobe

ABSTRACT

The present article aims at identifying the content of the commentaries that emerged from the video *Proud to be*, published by *YouTube* in its own platform to give visibility to the *LGBTQ+ International Pride Day*. To this end, we collected the 20 main commentaries from the page in which the material was posted and analysed it in the light of the *computer-mediated discourse analysis* (CDMA) with the *NVivo* software support, articulating the empirical data from the discussions about hate speech and diversity. As a result, we identified that the totality of the commentaries are about hate speeches that reject the video and the platform, that complain about supposed censorship from *YouTube* when disregarding a few dislikes e commentaries, and other that, through irony, attack violently the *LGBTQ+* people.

Keywords: Hate speech. Diversity. *LGBTQ*. *YouTube*. CDMA.

"I am proud to hate this video": El discurso de odio en los comentarios del video #proutobe

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo identificar el motivo de los comentarios que han surgido a partir del video *Proud to be*, que ha sido publicado por *Youtube*, en su propia plataforma digital, con la intención de dar visibilidad al *Día Internacional del Orgullo LGBTQ+*. Para eso, hemos recolectado los 20 principales comentarios de la página web donde el contenido ha sido publicado y hemos analizado con el soporte del *computer-mediated discourse analysis* (CDMA) con el apoyo del *software NVivo*, analizando el datos empíricos a partir de las discusiones sobre el discurso de odio y de la diversidad. Como resultado, hemos identificado que la totalidad de los comentarios se tratan de discursos de odio que rechazan el video y la plataforma digital donde fue publicado. Entre los comentarios, muchos de los cuales ponen en cuestión una supuesta censura por parte de *YouTube* al desconsiderar algunos "no me gusta" y comentarios, hay otros que por medio de la ironía atacan de manera violenta a la comunidad *LGBTQ+*.

Palabras clave: Discurso de odio. Diversidad. *LGBTQ*. *YouTube*. CDMA.

Recebido em: 14/01/2018

Aceito em: 25/07/2018